



5726 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT12 - Currículo

Performances cotidianas como micropolítica de (re) invenção de vidas nas escolas
Ana Carolina Justiniano Melotti - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Performances cotidianas como micropolítica de (re) invenção de vidas nas escolas

Resumo

Esta pesquisa pretende pensar no que acontece por entre forças múltiplas nas escolas e entende as performances como proliferação de sentidos nos currículos tecidos nos cotidianos das escolas. As performances na nossa aposta de pesquisa vêm reforçar a força do involuntário na produção do currículo para problematizar as potências que escapam ao compreendido. Como ferramentas conceituais, recorre à da Filosofia da Diferença e à micropolítica para problematizar as performances nas escolas que surgem como um convite a tensionar modos de agenciamento nas relações curriculares em tempos em que a educação enfrenta movimentos que tentam silenciar as diferenças. Destaca a força micropolíticas das performances cotidianas por constituírem potentes modos de produção de sentidos e resistência.

Performances. Currículo. Micropolítica. Resistência.

Por que performances?

Em face do turbilhão de desmontes e golpes que a educação vem enfrentando é premente que nossas pesquisas potencializem as resistências que surgem a partir dos agenciamentos e multiplicidades produzidos nas escolas como forma de agenciar [\[1\]](#) frente às políticas que tentam despotencializar a educação e as vidas nas escolas ao colocar as singularidades sob a valia de uma categoria. Pretendemos tensionar a discussão sobre o vão produzido entre a ciência nômade e a ciência régia nas escolas e explorar esse interstício constituído por forças que não pertencem a ninguém. Seguimos a pista de apostar na produção de sentidos em meio a redes entrelaçadas, produções de modos de vida e jogos de forças que freiam ou aceleram os fluxos imanentes à vida.

Nosso convite é de estar à espreita [\[2\]](#) nas escolas e seus cotidianos e sentir os sopros de vida que explodem nos corredores, recreios e conversas nas escolas. Pensamos nas sutilezas dos cotidianos como formas de linguagem que nos afetam e nos colocam em constante performance diante dos sopros que trazem consigo. Perseguidos pelas incertezas e emaranhados em experimentações, a escrita desse texto será uma produção dos encontros entre corpos produzidos nos cotidianos das escolas que agenciam continuamente performances, entendidas por este trabalho como resistência e modos de agenciamentos nas relações curriculares.

Embora a ideia de performance remeta ao espetáculo, à arte produzida no mundo contemporâneo e muito frequentemente é sinônimo de desempenho, esta pesquisa pretende pensar a performance na educação em outras perspectivas, numa dimensão que ultrapassa os sentidos ligados à noção de desempenho. Empregaremos, portanto, a forma plural para ressignificar a noção de performances e assinalar nosso interesse na característica mutante, metamórfica e plural dos cotidianos escolares.

Numa longa discussão sobre a interface dos estudos da performance e a educação, Schechner (2010) sugere que a noção de reunião, de encontro e de interação da performance sejam pensadas para potencializar as pesquisas em Educação, porque esta noção traz consigo a variação como característica. O autor ressalta que a educação precisa ser ativa e envolver todo *mentecorpoemoção*, num processo em que ensinar é um texto-tecer, dentre os múltiplos textos que existem, sejam eles escritos ou dançados. Propõe ainda, pensar as performances na educação como uma forma de fiar, fabricar tecidos de diferentes fios.

Trabalhos que discutiam a teatralidade na vida, afirma Icle (2010), inauguraram o diálogo entre a performance e outros campos de conhecimento como a linguagem e a educação e fizeram a Performance se conectar a diferentes áreas de conhecimento. Icle (2010) afirma que os estudos da performance nasceram nas “fronteiras, nos limites, nos territórios e sobretudo, no borramento de demarcações” (*ibid.p. 11*) e desconstruíram uma série de noções em campos variados de conhecimento. Muito embora o campo das Artes ainda seja um lócus privilegiado para as discussões da Performance, sua problematização na arena da educação possibilita falar das variadas formas de se pensar as tensões epistemológicas que aproximaram as performances das questões curriculares.

Ao discorrer sobre o percurso da performance e as possíveis ressonâncias que seus estudos têm na educação, Icle (2010) ainda destaca que embora o tema seja raro na pesquisa em educação no Brasil, o termo performance tem sido estudado nos países de língua anglo-saxônica desde a década de 1960 e alinha-se às discussões relacionadas a conhecimento, experiência, subjetividade, poder, discurso, estética. A chamada Arte da Performance, diz o autor, vem se estruturando

como linguagem e assumiu formas mais específicas nos trabalhos híbridos a partir da década de 1960 no campo das artes e redesenhou as fronteiras entre a arte e a vida.

Na arte, Glusberg (2011) afirma que as performances se desdobram em crise, “como fonte de numerosos fantasmas psicológicos que tocam a interioridade do sujeito e põem em crise a sua estabilidade” (p. 65), pensando nas relações curriculares, diríamos que germinam, parafraseando Rolnik (2016), *seres larvares*. Nessa lógica, pensamos que as performances nos cotidianos escolares não se alcançam numa lógica do contínuo e dão vida a vários acontecimentos simultâneos. Podendo fazer com que o corpo se estratifique, fato que faz com que tudo seja produção, num movimento sem organização prévia, que potencializa algo que se desdobra em outras performances que fazem uso dos corpos até não caberem mais neles, tendo que mudar de corpo para criar a continuidade delas mesmas.

Ainda sobre a potência dos estudos da performance para a educação, Icle (2010) ressalta que não há programa ou currículo que se sustente sem os agenciamentos dos sujeitos. Seguindo o rastro deste autor, problematizamos[3] as performances como agenciamentos que espriam rumores de *novos agenciamentos* (DELEUZE 2014), sejam eles desejos ou enunciados que se inserem nos velhos agenciamentos ou que os atravessam. Temos aqui a chance de questionar os olhares lineares da educação e rasurar o pensamento considerando as performances como agenciamento sem centro, nem fundamentação. Por entendemos que cada aprender pressupõe um tipo de vida, uma experiência que lhe é singular, cotejamos a possibilidade de saborear outros modos na *errância*[4].

Nesse sentido, propomos cogitar as performances como escapes que nos façam deparar nos cotidianos com pluralidades e singularidades onde os sujeitos são pescadores que deslizam, desterritorializam e se (re) inventam num mar de caos[5] onde o pensamento é violentado e várias formas possíveis nascem e morrem.

É no rastro desse pensamento que nos desafiamos a pensar nas relações curriculares. Acreditamos que a atenção aos fluxos possa nos trazer sopros, encontros com signos capazes de forçar o pensamento nos arriscamos a pensar as a partir dos sopros cotidianos que nos forcem todos os dias a arriscar novos mergulhos[6] dentre estabilidade e caos e a traçar os riscos que o mergulho possa nos trazer. Nosso convite é de estar à espreita nas escolas e seus cotidianos e sentir os sopros de vida que explodem nos corredores, recreios e conversas nas escolas.

Um mapa, para Deleuze e Guattari (1995), é uma questão de performance por ser aberto, conectável, desmontável. Estas são condições inerentes à educação para potencializar em nossas pesquisas a relação com a diferença e os tensionamentos que se desdobram nos cotidianos. Apostamos nas performances e suas potências de denunciar traços de loucura e evocar a leveza do charme pensado por Deleuze (1997), naquele estado de loucura em que se perde as estribelas, quando não se sabe muito bem em que ponto está. Sem compromisso com a significância, coloca o sujeito em ponto demência.

Para Deleuze (idem), é somente neste estado de loucura que está o charme, que é, portanto, de difícil entendimento por escapar de explicações lógicas. A delicadeza desse pequeno grão de loucura faz cair por terra o sujeito estável e ressoa outros modos de vida e existência. Como algo que não pode ser personificado no sujeito, mas nos efeitos produzidos, nos acontecimentos, os sopros, silêncios, falas, gritos, afetos, gestos que acontecem nas escolas, as performances podem ter algo a nos dizer se pensarmos no que elas provocam e causam no emaranhado de multiplicidade que é o cotidiano escolar.

O que podem as performances nas pesquisas em educação?

Sem a pretensão de responder, nos arriscamos a pensar que nas escolas, pequenas ou grandes performances desafiam a linearidade e as mordidas que o pensamento moderno insiste em impor à educação. Falamos de performances como acontecimento entre velocidades e lentidões, como ações que não se encaixam em explicações lógicas, ou como diz Guattari (2008), como o que não mostra nem designa. Dentre os muitos mundos da escola e provocados por uma inquietação espinosana, por entre performances sopradas nos cotidianos, disparamos: O que elas podem? Instigados pela multiplicidade característica dos mundos, perguntamos: como se compõem as velocidades e lentidões das performances nas escolas? Desenhadas ou rabiscadas nos currículos como um animal que percebe o meio que o rodeia e configura os limites de sua ação as performances podem nos dar pistas de composições de (des) (re) territorializações. Através delas, imaginamos que os sujeitos tracem territórios numa relação de composição com seus arredores, assim como nos movimentos dançantes e de impulsos, como aqueles do *Performer* pensado por Grotowski[7].(1988).

Pensamos as performances como produções, cujas intensidades se emaranham e multiplicam em linhas, assumem formas de organização novas e são atravessadas por forças constitutivas do desejo. Num campo de forças múltiplo sob agenciamentos, produção de desejos e de afirmação das vidas que se (trans)formam à mercê das potências. Nos desafiamos a propor uma problematização que pense as performances dentre mundos possíveis como uma multiplicidade vital de resistência às tutelas que qualquer sujeito está suscetível.

Outrossim, na perspectiva em que esta pesquisa se situa, propomos pensar as performances de todos os dias nos cotidianos como agenciamentos de corpos que compõem fluxos em relação com outros corpos num nível de forças resultantes de tensões, abalos e estranhamentos que nos afetam. A partir dos tensionamentos, acreditamos que formas de vida e de resistência irrompem desafiando o dogmatismo e mobilizando nossa pesquisa para pensar a diferença como característica e não como problema, como sugerem Amorim e Ferraço (2017). Portanto, para esta pesquisa, as performances são da ordem do devir porque se apresentam como linhas de fuga frente ao modelo representativo, uma vez que elas acontecem na ruptura e propõem um caminho fronteiriço.

Os deslocamentos decisivos que as performances trazem não se limitam a individualidades, mas se constituem como uma chance de não permanecemos no mesmo agenciamento e traçar outros, incessantemente, em novas formas e vidas. Embora cientes do desafio de nos desprendermos da subjetivação da qual somos vítimas e cúmplices, as performances

talvez possam ser uma espécie de dessubjetivação por não constituem a destruição do sujeito, mas por mudar os agenciamentos à medida que mudam as conexões para que o sujeito não seja necessário e nos levar a furos na significância por onde passam sutilezas, criações de mundos.

Problematizar as performances no sentido em que nos propomos é uma tentativa de afirmar vidas que existem no meio das relações e desviar das discussões que dicotomizam as relações curriculares entre macro e micro para que possamos percorrer, como propõe Rolnik (2016), as singularidades num processo que *desconfia das categorias*.

Arrastados pelos devires e performances que nos atravessam todos os dias nas escolas, nos lançamos a navegar por territórios existenciais sem temer a tempestade que surge da tensão fecunda entre movimento e representação. Exploramos nesta pesquisa, um espaço que se constitui como *geografia desejanante*, (LAPOUJADE 2015), no rastro da aposta filosófica de Deleuze (1995,1996,1997) para pesquisar as performances que sopram acontecimentos e que deslocam e redistribuem potências. Assim, consideramos os *acontecimentos* como o que torna possível a linguagem, para explorar performances cotidianas em um campo que “busca uma escritura que tem por fim a vida” (DELEUZE 1998 p 58) e vagueia por criações transversais.

Destacamos a relevância de pesquisar e discutir as performances na educação por assumi-las como deslizamentos, como sugere Lotufo (2013), ou sejam como algo que coloca em crise sistemas hegemônicos. As aproximações entre a educação e as performances se configuram como experimentação, sujeita ao inesperado que produz variações em processos de subjetivação que se abrem em invenções. Na literatura e na filosofia, Deleuze pensa no estilo como movimento do conceito, cujo objetivo é de dar-lhe uma vida independente. Dito de outra forma, Deleuze confere ao estilo um teor musical, como uma questão ligada ao potencial de *dar a ouvir um texto*, como algo sutilmente peculiar, que aguça sentidos. Por apostar nas performances como criação de vidas, soprados o pensamento em direção ao estilo como musicalidade de onde se extraem intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.50) que arrastam corpos, fabulações, conceitos e afectos.

Deleuze (1995), portanto nos ajuda a entender que a performance, o estilo e o charme estão intimamente ligados à criação de vidas e à autonomia. Então, nasce uma *língua outra* dentro da língua, que por sua vez germina, nas palavras de Dutra Jr. (2007), um *devir outro*, estrangeiro, uma performance, uma minoração delirante que *cria sua própria sintaxe*, reforça Deleuze (1997), porque germina efeitos e mobiliza desejos, numa performance à mercê de suas moléculas. Todo esse turbilhão inclui deformidades, contorcionismos, performando sopros e gestos: vidas, efeitos, performances possíveis imersas num mar de linhas e estruturas. Inspiramo-nos no teor musical do estilo e no caráter plástico, imprevisível e pulsante das performances para pensar nos efeitos das composições e para nos aventurarmos a cartografar performances como micropolíticas. Sendo assim, cogitamos as performances como uma questão de estilo seguindo o sentido dado por este autor.

Falamos aqui do caráter movediço e do auto movimento que as performances exprimem, sem pertencer a nada nem a ninguém. Designam, portanto uma autonomia da expressão que acontece entre *motivos* territoriais[8], aqueles que se sobrepõem, fundem um impulso no outro, passam e fazem passar de um impulso a outro, inserem-se entre impulsos e impõem contrapontos às circunstâncias do meio.

As performances que buscamos nas escolas exprimem relações do território com os impulsos internos, com as circunstâncias externas: elas têm uma autonomia na própria expressão, fixas e variáveis ao mesmo tempo e pulsadas pelas circunstâncias da relação que delinham com o território movimentos imprevisíveis e aleatórios. Com Deleuze, encontramos fôlego para afirmar que em se tratando de performances, não há assinatura, mas estilos que se exprimem, parafraseando Malufe (2010) como a *aptidão para os motivos e contrapontos* numa incessante produção de sentidos.

Pensando no pescador na deriva, ou no bailarino a dançar, o *corpo sem órgãos* (DELEUZE E GUATTARI 1995) também nos provoca a problematizar as performances nas relações curriculares na medida em que é o próprio corpo em devir, o corpo que se deixa afetar pelo mundo, se deixa atravessar forças, metamorfoseando-se, fugindo da linearidade e atualizando-se a cada instante. Como o corpo sem órgãos, as performances não se limitam às formatações de uma representação estão em trânsito, ocupam um espaço intersticial de sobreposição, *entre-lugar* de que fala Bhabha (1998), traçam um caminho rizomático e fazem alianças. Podemos aqui pensar que os corpos nas escolas são as performances que não se rendem a representações, pelo contrário, povoam e criam fluxos e relações simbióticas como as relações do corpo sem órgãos com o organismo.

Os sentidos produzidos, como nos ensina Rolnik (2016), demandam tensionamentos de forças múltiplas e de vidas que existem no meio coegendradas como lugares fronteiriços, com conexões aleatórias sem qualquer filiação, resultantes do contágio, das proliferações e povoamentos. Produzem o meio que segue sua linha própria, ou seja, involui[9] nas relações. Ancoramo-nos no teor fronteiriço das performances para pensar no que designa um pensar a partir do *sabercorpo* trazido pelos contágios. Interessa-nos pensar experiências de subjetividade vividas nos corpos que integram suas composições e impulsionam incessantemente a produção de vidas através das performances que germinam mundos nas escolas. Mundos, que ‘não cabem’ na tradição e que nascem da tensão que desestabiliza as subjetividades provocando inquietações e gerando performances que oscilam.

Mundos criados em performances: resistência e (re) invenção de vidas

Entendemos as performances como micropolíticas por serem constituídas por processos minoritários, que ultrapassam a representação, que não se submetem a modelos e avançam para a produção de modos de subjetividade. (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Em meio a tensionamentos, as performances transbordam devires menores. A potência micropolítica ativa da performance evidencia a potência de vida num processo de construção da realidade imersa em forças e desejos agenciados. No emaranhado do cotidiano, quanto mais forças se engendram, mais agenciamentos se compõem (ROLNIK

2007), assim, as performances trazem o incômodo ao nos mostrar que não se podem agenciar todos os desejos porque a vida cotidiana é mais forte do que dimensões impositivas.

As performances eclodem em meio às relações, são produzidas nos entrelugares das relações curriculares e como fronteira, possibilitam, com já dito anteriormente, a fuga da representação e (re)criação de vidas como afirmação de diferentes modos de existência que compõem as relações curriculares. Portanto, navegaremos por entre fronteiras, que nas palavras de Duarte (2013) são lugares de “desmanchamentos de certos mundos e de surgimento de outros” (DUARTE 2013, p.1162) onde novos sentidos se desterritorializam e colocam em cheque representações. Percorreremos performances como atitude frente ao mundo, tensionando possibilidades de viver multiplicidades nas quais sujeitos são *criadores e experimentadores de si* (p. 1162) e percorrem territórios aleatoriamente nos mostrando que somos muitos.

Assim, recorreremos aos saberes nômades apontados por Deleuze e Guattari (1995) que seguem o fluxo da matéria, estabelecem novas conexões. Instaurando, em consequência, “saberes ambulantes” (ALVIM 2017 p. 8) em relação com a terra por meio a desterritorializações. Entre as marés altas e baixas das performances cotidianas, sujeitos fronteiriços, imigrantes, (re) (des) territorializados encontram na fronteira uma condição onde misturam-se tempos, devires, trânsitos por entre esses intercruzamentos de corpos. Acontecem nas fronteiras tensionando ambiguidades e deslizamentos nas incompletudes do interstício proliferando sujeitos assombram as fronteiras para percorrer suas próprias linhas como forma de resitência.

Por certo, nossa pesquisa não procura uma chave que produza um único sentido. Pensamos em percorrer as sutilezas que escapam das representações fixas de aluno, do currículo, de escola, de professor, de aprendizagem pela produção de algo que surge nas relações na imanência. Nossa busca é afetada pela provocação deleuziana que nos coloca “à espreita de algo que passa dizendo... isso me perturba” (DELEUZE 1997). Deslizaremos pelos estados de força autônoma, arrastados a um sistema de composição que nunca começa, afetados pela ressonância espinosana que nos coloca num estado em que nunca sabemos do que somos capazes (DELEUZE 2002), numa condição de permanente clandestinidade para resistir às imposições tradicionais fazendo insurgir modos de agenciamento de vida: em performances.

Embarcamos em uma pesquisa que pretende acompanhar processos e movimentos cotidianos, cartografando situações e sempre, com Rolnik (2007) “atentos às linguagens que encontramos, devorando as que nos pareceram elementos possíveis para a composição das cartografias que se fizeram necessárias” (p. 23). Nossa aposta ético-estético-política é pensar as performances como processo micropolítico, que permite se reapropriar da potência vital e desenvolver o *saber do corpo*, o saber da nossa condição de vivente e deixar fluir a germinação de outros mundos.

Mergulharemos nessa empreitada cientes de que, como nos lembra Deleuze (1988), apesar da pele dura da significância e da interpretação, haverá sempre uma relação que resiste aos códigos e aos poderes. Esperamos explorar a natureza micropolítica das performances para finalmente cartografar situações coletivas de fuga e de transfiguração (ROLNIK 2016) e quem sabe, de poder.

Nesta aventura em busca do que se espria a partir das performances, não podemos esquecer que não estamos separados de nossas relações, mas entrelaçados a elas num enredamento de composições e formas de inventar o mundo (Kastrup 2000). Então, eis a questão: o que surge? Só a experimentação desses múltiplos mundos nos mostrará o que acontece nessas performances.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas** : sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVIM, Davis M. O rio e a rocha: resistência em Gilles Deleuze e Michel Foucault. Instituto Porto Alegre. v.2 - No 3, 2009 pp. 78-90.

AMORIM, A.C., FERRAÇO, C.E. **Micropolítica, Democracia e Educação**. Revista Teias v. 18, n. 51. 2017 (Out./Dez.).

CORAZZA, Sandra Mara e TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1995). **Mil platôs**. (v.1). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs** (vol.3). São Paulo, Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista com G.Deleuze. Edição: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 1997b

_____. **A imanência**: uma vida... In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v.27(2), p.10-18, jul./dez. 2002.

FOUCAULT, M.. “ **Polêmica, política e problematizações**”. In:_. **Ditos & Escritos V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.225-233.

GROTOWSKI, Jerzy. **Performer**. In: Revista Teatro e Storia, n. 4, Bolonha, 1988.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2008.

GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografia do desejo. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

ICLE, G. **Para apresentar a performance a educação**. Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS, v. 35, n. 2, p. 11-22, maio/ago, 2010.

KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, arte e invenção**. Psicol. estud. [online]. 2001, vol.6, n.1, pp.17-27.

LOTUFO, Júlia Monteiro. Habitando interstícios: a arte da performance entre fronteiras. Anais. In: Monteiro, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia, 2013.

MALUFE, Annita Costa. **Deleuze e o estilo**. Artefilosofia, Ouro Preto, n.9, p. 35-48, out. 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

_____. **A hora da micropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies**: an introduction. New York: Routledge, 2002.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. **O que pode a performance na educação?** Uma entrevista com Richard Schechner. Educação & Realidade, Porto Alegre: v. 35, n. 2, 2010, p. 23-35.

Notas

[1] Exploraremos o conceito de agenciamento (DELEUZE 1995) para pensar nos atravessamentos provocados pelos movimentos de desterritorialização e produção do desejo que colocam os sujeitos e as relações em variação permanente.

[2] Estar à espreita, para Deleuze, éter “[...] uma atitude atencional de abertura para o encontro e para o acolhimento da novidade inesperada” (KASTRUP 2010 p. 41).

[3] Problematizar para Foucault (2010) é um gesto investigativo. Implica na produção de uma outra lógica, da diferença. Trata-se de produzir questões e colocar outras possibilidades de experimentar e desdobrar um conceito em outros.

[4] Conversamos com os escritos de Corazza (2002) por nos apresentar um “[...]currículo -demente, errante, inconstante, versátil, vagante, anda de terra em terra” (p. 133) e para pensar os currículos como espaços abertos, indefinidos, povoados por performances.

[5] Para Deleuze e Guattari, todo o pensamento é relação com o caos. O pensamento é o resultado de uma operação que se faz ao caos, é a própria composição do caos.

[6] Usamos o termo *mergulho* de Alves (1994) para pensar na necessidade de sentir o mundo e assumir, como a autora nos ensina, os riscos que o mergulho possa nos trazer.

[7] Grotowski (2010) define o Performer, com letra maiúscula, como um homem de ação. Não se trata de alguém que se faz de outro, mas de um *fazedor, um sacerdote, um guerreiro*, fora dos gêneros estéticos.

[8] Os motivos e contrapontos territoriais (DELEUZE GUATTARI 1995) exploram as potencialidades do meio. Os motivos não pulsados e contrapontos não localizados delinham simultaneamente as relações e a potência do meio.

[9] O devir, da ordem da aliança (e não da filiação), estabelece um tipo de evolução que Deleuze e Guattari (1995) chamam de involução, que longe de ser uma regressão, compõe seu próprio ritmo, segue sua própria linha, assim como pensamos as performances nesta pesquisa.